



Dinaura: a representação do mito amazônico em Hatoum

Cristiane de Mesquita Alves

Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Rua Augusto Corrêa, 1, 66075-110, Belém, Pará, Brasil. E-mail: crismesquita@ufpa.br

RESUMO. Campbell (1990) defende que o mito está presente nas ações sociais em que o homem não consegue compreender e/ou resolver pela racionalidade. Durand (1998) corrobora esta teoria, ao afirmar que o pensamento humano é uma representação das articulações simbólicas. Quando há situações-problema, o homem, muitas vezes, apodera-se das representações simbólicas e do mito, para buscar esclarecimentos que o norteie na compreensão das relações interpessoais. Com base nesses pressupostos teóricos é que se organiza o objetivo dessa pesquisa, que tem como finalidade fazer uma análise literária a partir da leitura interpretativa do papel social do mito amazônico, para explicar os comportamentos e as características da personagem Dinaura associada às figuras híbridas que moram nos rios de Manaus pelo narrador de *Órfãos do Eldorado* (2015), de Milton Hatoum, para justificar suas frustrações amorosas e legitimação masculina diante da não dominação feminina. Para tanto, essa investigação partiu de um procedimento teórico-metodológico bibliográfico de revisão de literatura de autores como os já citados, além de outros que contribuíram para o alicerce da argumentação de que nas narrativas de um escritor como Hatoum, escultor de romances de uma Literatura engajada e de crítica político-social, há também temas com uma abordagem do mito amazônico em sua obra.

Palavras-chave: identidade feminina; imaginário; Amazônia.

Dinaura: the representation of the amazonian myth in Hatoum

ABSTRACT. Campbell (1990) argues that the myth is present in social actions in which man cannot understand and/or resolve through rationality. Durand (1998) corroborates this theory by stating that human thought is a representation of symbolic articulations. When there are problem-situations, man often takes possession of symbolic representations and myth, in order to seek clarifications that guide him in the understanding of interpersonal relationships. Based on these theoretical assumptions, the objective of this research is organized, which aims to make a literary analysis from the interpretative reading of the social role of the Amazonian myth to explain the behaviors and characteristics of the character Dinaura - associated with the hybrid figures that live in the rivers of Manaus by the narrator of *Orphans of Eldorado* (2015) by Milton Hatoum, to justify his love frustrations and masculine legitimation in the face of female non-domination. Therefore, this investigation started from a bibliographic theoretical-methodological procedure of literature review of authors such as those already mentioned, in addition to others that contributed to the foundation of the argument that in the narratives of a writer like Hatoum, sculptor of novels by an engaged and critical political-social Literature, there are also themes with an approach to the Amazonian myth in his work.

Keywords: female identity; imaginary; Amazon.

Received on April 3, 2022.
Accepted on December 16, 2022.

Introdução

A chave do moderno está oculta no imemorial e no pré-histórico. (Agamben, 2015, p. 31).

Os mitos sempre estiveram presentes na vida dos homens e ajudaram a compreender e dar sentido ao mundo em que estão inseridos. Dessa forma, criar mitos faz parte da natureza humana, “[...] diz respeito a quem somos enquanto seres humanos. Ele cria um padrão onde nenhum existia, porque encontrar um padrão nos ajuda a dar sentido às coisas. (Também nos ajuda a recordá-las) [...]” (Sutherland, 2017, p. 16); assim, os mitos são os responsáveis pela explicação dos sentidos presentes no imaginário humano, desde a origem de todas as coisas.

Além disso, os mitos são histórias que orientam os homens na busca da verdade, de significação, através dos tempos. Todos precisam contar suas histórias e entendê-las, desde sua origem à sua morte, “[...]”

precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos [...]” (Campbell, 1990, p. 5), e um dos modos de pensar sobre isso é por meio do mito, uma vez que ele extrai um sentido da falta de sentido, que enquanto seres humanos não têm para aclarar a própria existência, assim, o mito fornece “[...] uma explicação através de histórias (a espinha dorsal da literatura) e símbolos (a essência da poesia)” (Sutherland, 2017, p. 16).

O mito contém verdade que se aprende antes de conseguir explicá-la ou vê-la com clareza, com base em uma possível explicação racional, por este motivo é que o pensamento mítico sobrevive e prospera muito tempo depois do momento em que a ciência e a sociedade modernas já deveriam ter deixado suas explicações irremediavelmente ‘no passado’ (Campbell, 1990). O mito está “[...] entremeado no tecido da literatura contemporânea, mesmo que o olhar não o veja de imediato” (Sutherland, 2017, p. 19). Isso leva a entender o porquê nas obras, como as literárias, estão a todo tempo indo revisitá-lo como temática, como ocorre em *Órfãos do Eldorado* (2015), do escritor manauara e contemporâneo Milton Hatoum.

Nesse texto de Hatoum (2015), observa-se que o mito não racionaliza os fatos e nem os descreve, mas convence pela repetição de “[...] uma relação ao longo de todas as nuances [...] possíveis. A contrapartida desta particularidade é que cada mitema - ou cada ato ritual - é o portador de uma mesma verdade relativa à totalidade do mito ou do ritual [...]” (Durand, 1998, p. 86), tornando-se intemporal, e, se assim pode considerá-lo, pode-se também compreendê-lo como sendo parte integradora da pós-modernidade ou da era contemporânea, apesar de suas marcas e ritos ainda serem notados pelas tradicionalidades. O mito ou o que é do mitológico ainda se incorpora livremente nas obras artísticas, sejam elas consideradas clássicas/tradicionais, sejam as que são produzidas e publicadas hoje, no sentido de contemporaneidade e/ou pós-modernidade¹ (Danto, 2006).

Diante disso, as obras literárias ‘pós- modernas’ estão em constante diálogo com as temáticas mitológicas no corpo de suas histórias, a exemplo de uma das narrativas de Hatoum que revisita os muitos mitos do imaginário popular amazônico e correlaciona sua presença no cotidiano das personagens de forma integrativa à realidade urbana de Manaus, no decorrer de sua experiência de luxo e declínio no período da *Belle Époque*, ao desenvolvimento industrial da Zona Franca, narrados em *Órfãos do Eldorado* (Hatoum, 2015).

Nesse sentido, esse breve estudo sobre o texto de Hatoum (2015) relê alguns conceitos sobre o mito a fim de estabelecer referências aos atos executados pelas personagens Dinaura e Arminto. A análise literária traz como alvo a reflexão do poder de explicação social do mito por uma sociedade amarrada aos padrões patriarcais, que opta por aceitar as ações mitológicas que dão força à mulher, em vez de respeitar que ela tem e pode ter o direito de escolher seu modo de vida, conforme seu próprio lugar de fala e necessidades.

Assim, este trabalho se organizou em três etapas: 1^a) reflexões sobre o mito e como a representação mitológica foi construída em torno do corpo e do comportamento da personagem Dinaura, e como a figura masculina fez uso do mito para entender sua educação patriarcal fracassada diante da ousadia e protagonismo feminino; 2^a) algumas (in)conclusões sobre o assunto abordado no texto de Hatoum, seguido da 3^a): a relação dos aportes teóricos que sustentaram a escrita deste artigo.

Dinaura na representação do mito

O mito-alicerce da literatura (Sutherland, 2017, p. 21).

A contemporaneidade é apresentada por Agamben (2015) como sendo a capacidade humana de dar ouvidos a uma exigência e a uma sombra, “[...] de sermos contemporâneos não exclusivamente do nosso século e do ‘agora’, mas também das suas figuras nos textos e nos documentos do passado [...]” (Agamben, 2015, p. 33, grifo do autor).

Desse modo, a via de acesso ao presente tem, necessariamente, a forma de uma arqueologia ligada à determinada maneira de viver associada ao não vivido, já que o presente não é “[...] outra coisa senão a parte de não vivido em torno do vivido, e o que impede o acesso ao presente é exatamente a massa daquilo que, por alguma razão (o seu caráter traumático, a sua extrema proximidade), nele não conseguimos viver [...]” (Agamben, 2015, p. 31), e, muitas vezes, esse ‘não vivido’ ou ‘não existido’ se for pensar em um acontecimento real/racional, pode ser explicado pela ação do mito.

¹ Neste trabalho, irá estudar o termo pós-modernidade, valendo-se da ideia proposta por Arthur Danto, que conceitua a pós-modernidade como um estilo artístico a partir de 1960. Segundo Danto, o “[...] moderno passou a parecer cada vez mais um estilo que floresceu de aproximadamente 1880 até 1960 a partir de então, tem-se o que se denomina pós-modernidade” (Danto, 2006, p. 13).

Partindo-se desse pressuposto, na Literatura de um escritor contemporâneo como Hatoum, trazer uma personagem que dialoga constantemente com o mitológico é fazer uma ponte entre a tradição e a pós-modernidade, principalmente na narrativa em estudo, porque o autor apresenta reflexões críticas ao redor dessas duas perspectivas, ao apresentar Dinaura nas tradições (indígenas, amazônicas e míticas) e as outras personagens no cenário de industrialização amazonense que supostamente traria desenvolvimento e progresso (cidade moderna).

À guisa disso, a Literatura produzida por este escritor parece “[...] motivada por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente [...]” (Schollhammer, 2009, p. 10), mas, que se pode tentar compreendê-la, para tentar justificar os acontecimentos da sociedade atual. Isso pode ser percebido constantemente nos textos de Hatoum, em relação à realidade histórica, como um ponto de partida para a elaboração de sua Literatura reflexiva em relação ao presente. Dentre estes textos, está *Órfãos do Eldorado* (Hatoum, 2015).

Essa narrativa se insere como uma história que apresenta dois fios condutores: 1) a realidade ficcional se desenvolve a partir da realidade histórica de Manaus, como um dos grandes centros da economia do país, no período da *Belle Époque*. O protagonista da história é Arminto Cordovil, neto de Edílio Cordovil e filho de Amando Cordovil, donos dos muitos navios e maquinarias de produção que exportavam e importavam produtos de/para Manaus, desde o contexto do Ciclo da Borracha à Ditadura Militar e do desenvolvimento urbano de Manaus, como se exemplificam nos trechos: “Um dia vou concorrer com a Booth Line e o Lloyd Brasileiro, dizia meu pai. Vou transportar borracha e castanha para Havre, Liverpool e Nova York” (Hatoum, 2015, p. 15) e “Vi o cargueiro alemão uma única vez, de madrugada. [...] Sentei no cais flutuante e li a palavra branca pintada na proa: ‘Eldorado’” (Hatoum, 2015, p. 21, grifo do autor); e 2) falência da fortuna dos Cordovil, graças à vida boêmia de Arminto Cordovil e sua paixão cega e sobrenatural por Dinaura.

É nesta segunda linha da narrativa que se tece e retece a presença do imaginário mítico amazônico presente na obra, sobretudo nas teias memorialísticas da personagem Florita e Arminto, “Olhei desconfiado para Florita, e esperei outras palavras sobre o sonho, mas ela saiu em silêncio. Os sonhos e o acaso me levavam para um caminho em que Dinaura sempre aparecia [...]” (Hatoum, 2015, p. 33); das explicações acerca do comportamento e ação de Dinaura, personagem que compõe a representatividade do imaginário, do mítico presente na história.

Tais representações simbólicas são usadas pelas demais personagens do texto para expor os aspectos sobrenaturais que envolvem Dinaura. Ela, na narrativa, é a mulher pela qual Arminto Cordovil se apaixona perdidamente. De onde ela vem, racionalmente não se sabe, entretanto, pressupõe-se que tenha vindo do rio, tenha como amante o boto ou outras criaturas vindas e moradoras dos rios, e quando ela desaparece sem justificativas lógicas, acredita-se que tenha voltado ao rio, para viver na cidade mítica que existe no imaginário popular, debaixo das águas dos rios, ‘no fundo’, ‘a cidade de Eldorado’. Neste sentido, “[...] o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana” (Durand, 1998, p. 41), e ele serve para fundamentar o sobrenatural de um jeito racional, embora pareça algo paradoxal, já que ele existe tanto na comunidade urbana de Manaus, quanto nos pequenos espaços interioranos em que a história é alicerçada.

Mediante a isso, constata-se que o mito e suas formas de explicações resultam “[...] além da identidade, uma lógica - ou melhor, uma alógica - do imaginário, seja ele o sonho, o onírico, o mito ou a narrativa da imaginação” (Durand, 1998, p. 82). Na narrativa de Hatoum, seres da mitologia amazônica convivem numa rotina com os seres de uma realidade histórica (não mítica), e essas justificativas são respeitadas e não são questionadas pela população, como se verifica no exemplo:

Florita foi atrás de mim e começou a traduzir o que a mulher falava em língua indígena; traduzia umas frases e ficava em silêncio, desconfiada. Duvidava das palavras que traduzia. Ou da voz. Dizia que tinha se afastado do marido porque ele vivia caçando e andando por aí, deixando-a sozinha na Aldeia. Até o dia em que foi atraída por um ser encantado. Agora ia morar com o amante, lá no fundo das águas. Queria viver num mundo melhor, sem tanto sofrimento, desgraça. Falava sem olhar os carregadores da rampa do Mercado, os pescadores e as meninas do colégio do Carmo. Lembro que elas choraram e saíram correndo, e só muito tempo depois eu entendi por quê (Hatoum, 2015, p. 11).

Pelo trecho da narrativa acima, verifica-se que o mito norteia a atuação das personagens, ele direciona “[...] como reagir diante de certas crises de decepção, maravilhamento, fracasso ou sucesso” (Campbell, 1990, p. 16). O mito tece uma rede de significado que - aos poucos - desmistifica “[...] a lógica de qualquer ‘pensamento selvagem’ para se classificarem na lógica da razão causal e da narrativa descritiva” (Durand,

1998, p. 97, grifo do autor). Florita, neste contexto, é a personagem quem carrega a ancestralidade das histórias míticas que são contadas pelos indígenas e é ela quem se responsabiliza por divulgar para os mais jovens, como Arminto.

Ainda em *Órfãos do Eldorado* (Hatoum, 2015), outras questões humanas são tratadas, como a aceitabilidade do pai pelo filho e vice-versa, amores não correspondidos, fortuna e falência humana e financeira, sexualidade e desejos reprimidos, desenvolvimento urbano e devastação ambiental na construção e desconstrução de Manaus, somada à temática da representação do mito. Essa narrativa é um dos poucos textos de Hatoum, se não o que mais tematiza ou deixa mais visível, a questão do mito amazônico dentro de sua Literatura, já que os outros textos do autor manauara são de temáticas mais amplas e sociais, voltadas para questões urbanas, políticas e históricas.

Órfãos do Eldorado (Hatoum, 2015) destaca essa visualidade dos mitos amazônicos de Manaus, uma cidade em que os mitos estão em todos os tempos, intrínsecos à Cultura, à Literatura e à História da chamada Paris das Selvas. E, por mais que o tempo passe, “[...] as mudanças do imaginário são regidas por um ‘princípio dos limites’ duplo: um ‘limita’ no tempo a gestação de uma viga mítica e o outro, as escolhas das mudanças míticas” (Durand, 1998, p. 66, grifo do autor), o mito sobrevive a todas elas, e Dinaura é a representação disso na narrativa.

Dentre suas particularidades, Dinaura é uma mistura de mulher e ser mitológico que povoa o imaginário das personagens fictícias de Manaus na obra. O narrador Arminto Cordovil a traz na memória:

Lembro de ter visto na beira do rio uma mulher parecida com ela. Muito cedo, manhã sem sol, com neblina espessa. A mulher caminhou na margem, até sumir na neblina. Podia ser Dinaura. Ou invenção do meu olhar. Lembrei da tapuia que foi morar numa cidade encantada, corri até a margem. Ninguém. Na tarde de um domingo Dinaura passou na frente do palácio branco e sorriu para mim com lábios vorazes. Acompanhava umas meninas do orfanato para a Aldeia, onde hoje é o bairro Cegos do Paraíso. Fui atrás do grupo. Enquanto as meninas brincavam, Dinaura lia um livro à sombra de uma mangueira. Usava um vestido de chitão florido, e só parava de ler para contemplar o rio. [...] Dinaura deixou o livro na areia e entrou sozinha na água. Nadou e deu um mergulho tão demorado que senti falta de ar. Quando ela apareceu nua, com o vestido enrolado no pescoço, senti o corpo tremer de desejo. Tenho certeza de que me viu, porque as meninas apontavam para mim, riam e davam beliscões na bunda e nas coxas de Dinaura. De longe, fiquei lambendo aquele corpo na luz do fim da tarde. [...] Segui o vestido molhado até a rampa da Ribanceira, atalhei por uma escada de barro e lá em cima parei diante de Dinaura. Disse que queria conversar com ela. Vi os olhos de espanto no rosto fora do mundo, o sorriso nos lábios grandes e molhados; ainda toquei nos ombros dela, antes de vê-la correr para a praça do Sagrado Coração (Hatoum, 2015, p. 33-34).

Pela apresentação que o narrador faz da mulher, associa-se às imagens que se configurariam como míticas, por se desenrolarem dentro de uma descrição alógica, em “[...] uma contemplação inesgotável. Incapaz de permanecer bloqueada no enunciado claro de um silogismo, ela propõe uma ‘realidade velada’ enquanto a lógica aristotélica exige ‘clareza e diferença’” (Durand, 1998, p. 10, grifo do autor). O narrador remete suas impressões, poucas vezes buscando logicidade: “Ou invenção do meu olhar [...]” (Hatoum, 2015, p. 33), priorizando as justificativas veladas, as que se analisam como explicações mitológicas, situadas entre um imaginário atualizado e um imaginário potencializado, ou seja, “[...] um ‘mito’ que se manifesta e um mito ‘latente’. O mito manifesto é aquele que deixa passar o conjunto de valores e ideologias oficiais” (Durand, 1998, p. 97-98, grifo do autor).

Dessa maneira, o que se observa na narração de Arminto Cordovil é que, ao fazer uso dos mitos para definir Dinaura, ele está se valendo do status da identidade mítica. Arminto atribui um conjunto de qualidades - fora do dito normal social - para caracterizá-la como alguém que passou muito tempo ‘respirando embaixo da água’, simulando que ele próprio, só de olhar a cena ficaria sem ar: “Nadou e deu um mergulho tão demorado que senti falta de ar” (Hatoum, 2015, p. 34). Assim, cada vez que Arminto estabelece um traço das entidades para Dinaura, desqualifica-a de sujeito social, (re)construindo para ela um papel de outro ser que vive em outro lugar, onde ele não pode dominar ou estar.

Tal escolha de Arminto se deve ao fato de tais explicações alógicas não serem questionadas pela comunidade em que estão inseridos, edificando Dinaura dentro desse viés mitológico. Ele dá preferências em seus apontamentos aos mitos atualizados, aqueles em que a população compreende como explicação para as ocorrências do cotidiano de forma mais imediata (Durand, 1998). No imaginário atualizado, o mito reprime e exclui o imaginário em potencial. “A partir de então, marginalizado, este entra na clandestinidade da latência e mal consegue classificar-se sob a denominação de um mito preciso” (Durand, 1998, p. 99).

Do ponto de vista do narrador, ficaria mais fácil relatar no desenvolvimento dos acontecimentos da narrativa que Dinaura “[...] não falava com ninguém, surgiram rumores de que as pessoas caladas eram

enfeitadas por Jurupari, deus do Mal” (Hatoum, 2015, p. 34), sem depois se preocupar com as explicações aristotélicas, racionais; bastava acreditar no imaginário. Sendo assim, Dinaura acabaria por se tornar, para Arminto, uma conquista impossível, porque ela não seria uma mulher do plano real.

A partir disso, Dinaura representa o símbolo do mito atualizado no texto de Hatoum. Ela exemplifica, num só sujeito, as várias releituras dos muitos mitos amazônicos: “No porto de Vila Bela, alguém espalhou que a órfã era uma cobra sucuri que ia me devorar e depois me arrastar para uma cidade no fundo do rio. E que eu devia quebrar o encanto antes de ser transformado numa criatura diabólica” (Hatoum, 2015, p. 34). Essas atribuições míticas à Dinaura provocam uma espécie de efeito duplo fazendo com que, por um lado, sua imagem de sujeito-mulher se apague cada vez mais, aproximando-se da paisagem natural das águas e da floresta amazônica; e, por outro, paradoxalmente, o culto à natureza facilite seu retorno para a cidade de Eldorado, justificando sua ausência social e desaparecimento na vida da cidade e da vida de Arminto.

Além disso, o mito na narrativa serve, assim como na vida, como um modelo para explicar aquilo que o homem não sabe explicar, “[...] os mitos servem para nos conduzir a um tipo de consciência que é espiritual [...]” (Campbell, 1990, p. 15), e através deles encontrar as possíveis soluções para os problemas humanos.

Perante a isso, o mito vem explicar o fundo do abismo, que para Arminto Cordovil veio não só pela falência dos bens da família, como também pelas decepções do amor não correspondido por completo e a perda de Dinaura. Assim, o mito acaba se tornando uma saída, uma salvação para Arminto justificar toda sua perdição. O protagonista procura uma solução no mito, ele prefere acreditar que Dinaura fora embora para o Eldorado. Se não era para ser dele, que ela não fosse de nenhum outro homem, pelo menos na sociedade, em uma realidade social, como se observa no excerto:

A verdade é que Dinaura enchia meu pensamento. [...] A órfã queimou a cabeça dele. Mas, quando Dinaura andava na cidade, os homens iam atrás. Nenhum falava com a mulher. Por quê? Medo. Alguma coisa no seu olhar inibia mais que uma voz ou um gesto. Com medo, eram machos vencidos. [...] E, na tarde em que Dinaura me encontrou na praça do Sagrado Coração, todos eles viram. Isso aconteceu depois de várias tentativas. Ela escapava sem dizer palavra. Não sei se escapava: era o silêncio que dava impressão de fuga. (Hatoum, 2015, p. 37).

Dinaura representa as inquietações de Arminto. Ela equivaleria a uma mulher que decidiu ser livre e não pertencer a ninguém: “Esquece aquela moça. Esquece antes de chegar a hora da tristeza. A hora da tristeza?, perguntei. Ela não vai ser tua mulher. Nunca vai ser amada quem não é de ninguém” (Hatoum, 2015, p. 37). Sem resposta plausível para suas perguntas acerca de Dinaura, Arminto encontra a solução para dirimir suas dúvidas nas possibilidades do mito.

Ao longo da narrativa, há a apresentação do processo de formação da mentalidade mítica do protagonista Arminto, que desde criança ouvia as “Lendas que eu e Florita ouvíamos dos avós das crianças da Aldeia. Falavam em língua geral, e depois Florita repetia as histórias em casa, nas noites de solidão da infância” (Hatoum, 2015, p. 13).

Isso corrobora a afirmação de que “[...] aquilo que está além do próprio conceito de realidade, que transcende o pensamento. O mito coloca você lá, o tempo todo, fornece um canal de comunicação com o mistério que você é [...]” (Campbell, 1990, p. 59), por isso, Dinaura é a mescla de sobrenatural e realidade que Arminto Cordovil compreende como verdade, como pode ser constatado no fragmento:

Parecia alucinação, porque, em meio aos vivos à Virgem, senti um cheiro de lavanda, um arrepio no pescoço, e, quando me virei, os lábios de Dinaura tocaram meu rosto. Ela apareceu sem que eu percebesse, e me acariciou com as mãos mornas que me deixaram febril. Senti o corpo de Dinaura e comecei a suar, e ela só se afastou quando três tocadores de tambor e uma dançarina entraram no coreto. Eram músicos do quilombo Silêncio do Mata [...]. A dançarina disse em voz alta que eles iam fazer uma homenagem à Virgem. Então ela começou a dançar, sozinha, no meio do coreto. [...] Dinaura apertava meu braço com a mão suada; a coxa tremia, os pés batiam no chão. De repente me largou, correu até o coreto e começou a dançar. Foi uma gritaria, e não eram gritos de devoção. Ela imitava os movimentos e o ritmo da outra, os ombros ficaram nus, e não olhava para mim, e sim para o céu. Acho que não enxergava nada, ninguém. Cega para o mundo, possuída pela dança. Dançaram juntas como se tivessem ensaiado. No fim se abraçaram, e Dinaura saiu por trás do coreto. Sumiu. Como eu podia entender uma mulher tão volúvel, de alma tão instável? Fui conversar com os músicos e a dançarina, eles não conheciam Dinaura (Hatoum, 2015, p. 46).

No trecho, Dinaura é a personificação de um poder motivador de valores que funciona para a vida humana, e esses poderes são manifestados pelos ritos e movimentos de seu próprio corpo e da natureza. Essa personagem refere às metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, da mitologia que se relaciona com a própria natureza e com o mundo natural da Amazônia em que ela faz parte.

Dinaura representa o universo místico. Em uma só personagem, o narrador ratifica a premissa de que “[...] cada indivíduo deve encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua própria vida [...]” (Campbell, 1990, p. 32), e, em Dinaura, Arminto Cordovil encontra e destece sua memória de infância ao lembrar de todos os mitos e lendas que Florita lhe contava e associa-os às ações de Dinaura:

Uma índia, uma das tapuias da cidade, falava e apontava o rio. Não lembro o desenho da pintura no rosto dela; a cor dos traços, sim: vermelha, sumo de urucum. Na tarde úmida, um arco-íris parecia ‘uma serpente’ abraçando o céu e a água [...]. De repente a tapuia parou de falar e entrou na água. Os curiosos ficaram parados, ‘num encantamento’. E todos viram como ela nadava com calma, na direção da ilha das Ciganas. O corpo foi sumindo no rio iluminado, [...] Desapareceu. Nunca mais voltou. Florita traduzia as histórias que eu ouvia quando brincava com os indiozinhos da Aldeia, lá no fim da cidade. Lendas estranhas. Olha só: ‘a história do homem da piroca comprida’, tão comprida que atravessava o rio Amazonas, varava a ilha do Espírito Santo e fígava uma moça lá no Espelho da Lua. [...] Lembro também da ‘história de uma mulher que foi seduzida por uma anta-macho’. O marido dela matou a anta, cortou e pendurou o pênis do animal na porta da maloca. [...] Uma história estranha me assustou: ‘a da cabeça cortada’. A mulher dividida. O corpo dela sempre vai atrás de comida em outras aldeias, e a cabeça sai voando e se gruda no ombro do marido. O homem e a cabeça ficam juntos o dia todo. Aí, de noitinha, quando um pássaro canta e surge a primeira estrela no céu, o corpo da mulher volta e se gruda na cabeça. Mas, uma noite, outro homem rouba metade do corpo. [...]. Eu tinha uns nove ou dez anos, nunca mais esqueci. Alguém ainda ouviu essas vozes? Fiquei cismado, porque há um momento em que as histórias fazem parte da nossa vida. Uma das cabeças me arruinou (Hatoum, 2015, p. 11-13, grifo nosso).

As lendas e os mitos da infância de Arminto eram, a todo momento, associados ao rio e à Dinaura, pois o “O rio comanda a vida; [...] O rio é o grande símbolo da Amazônia, [...] o fio condutor das representações espaciais da Amazônia” (Pereira, 2016, p. 136). Não à toa, a representatividade poética e imagística da água nos textos literários de expressão amazônica é comum; este elemento é desvelado no imaginário da região e em outras, pelas referências espaciais dos rios, transformadas no grande símbolo regional, constituinte de uma realidade labiríntica na construção fisiográfica e humana, fazendo dele o fator dominante na região, no qual o rio é referenciado a tudo, “[...] dele dependem a vida e a morte, [...] a formação e a destruição de terras, [...], a circulação humana e de bens simbólicos, a política, a economia, o comércio e a sociabilidade. O rio está em tudo” (Loureiro, 2015, p. 135).

O rio, “[...] como o espelho das águas, aprisiona em si um segundo mundo que lhe escapa [...]” (Bachelard, 1996, p. 24), assim como Dinaura para Arminto. Ela escapa de suas mãos, sem poder tocá-la quando quer, e ele reflete sua vida na figura dela. Dinaura é a metáfora do rio na narrativa de Hatoum. O rio e Dinaura condensam-se em um só no espelho e reflexo no/do olhar de Arminto. Diante da imagem de Dinaura, tem-se a água que lhe reflete a imagem, tornando-se “[...] ser vivos e naturais quando pudermos compará-los a uma água viva e natural, quando a imaginação renaturalizada puder receber a participação dos espetáculos da fonte e do rio” (Bachelard, 1996, p. 24). Dinaura é essa personagem que flui na narrativa de *Órfãos do Eldorado* (Hatoum, 2015) como o rio, bem como é apresentada pela leitura do texto como mais um ser mitológico que veio e que retorna ao rio.

Conclusão

Diante da leitura interpretativa de *Órfãos do Eldorado* (Hatoum, 2015), mais especificamente no que se refere à personagem Dinaura, chega-se a algumas considerações para uma (in)conclusão desta breve investigação.

A primeira diz respeito à abordagem que se atreveu a fazer dentro de uma narrativa de um dos maiores escritores da Literatura brasileira na atualidade, Milton Hatoum. Ele trabalha com uma Literatura social, crítico-reflexiva acerca dos assuntos históricos em seus romances, temas abordados na própria narrativa que se optou a ler - a partir de um ponto de vista mitológico - não porque Hatoum é natural da Amazônia, mas porque a forma de explicação para os problemas humanos na sociedade, em especial, aos que não são entendidos e resolvidos pela racionalidade, são buscados pelo mito em *Órfãos do Eldorado* (Hatoum, 2015). E o mito continua atuante e incessante, e esse fator na narrativa é levantado de forma clara e importante, pois marca o quanto as ações e os costumes do passado, da tradição, ainda estão vivos no tempo contemporâneo em que se insiste em procurar modernidade em tudo.

Outro fator ressaltado é a condição dada à figura da mulher representada pela personagem Dinaura e a maneira como o narrador a trata. Ele é um homem frustrado e humilhado, incapacitado de dominar/conquistar uma mulher e opta por justificar sua não dominação recorrendo à metamorfose. Assim, Dinaura é

sobrenatural, é algo ou alguém de outro mundo, possivelmente o não-humano, não se deixa dominar pelo humano, ainda mais criaturas encantadas do rio. É mais fácil buscar entender a frustração amorosa, não correspondida porque a mulher não quis - no mito - do que questionar a legitimidade de homem na sociedade patriarcal em que Arminto está inserido, que também é assunto do livro.

Além disso, o caráter intemporal das temáticas, como o mito, está presente no texto de Hatoum - não necessariamente - como uma forma de divulgar a cultura amazônica, mas como um modo de olhar o uso do mito de forma crítica por essa nova realidade social organizada pelo patriarcalismo e pelo capitalismo que chegaram em fúria a Manaus, desorganizando não só o espaço da cidade-água e sua natureza, também a dinâmica da vida, muitas vezes, não para o bem estar social de todos.

Então, o que se conclui dessa leitura é que o escritor vê na Literatura uma forma de expor, denunciar e tratar dos problemas sociais. No texto *Órfãos do Eldorado* (Hatoum, 2015) há duas dimensões para serem salientadas: uma subjetiva e uma social, que corroboram a existência da hibridação que caracteriza o texto contemporâneo. No caso da narrativa analisada, os aspectos do que seja pós-moderno fundem-se aos aspectos do tradicional, no que tange à presença dos mitos da Cultura Amazônica, no espaço urbano de Manaus em desenvolvimento urbano-industrial, desde a época do Ciclo da Borracha ao período dos grandes projetos de desenvolvimento na Amazônia, no período da Ditadura Militar.

Logo, essa hibridação no texto de Hatoum ecoa dentro do imaginário de suas personagens como algo sintomático e equilibrado em que os símbolos e alegorias convencionais determinados pela sociedade formam uma boa comunicação entre si, fazendo com que o moderno e o tradicional confluem no espaço manauara.

Referências

- Agamben, G. (2015). O que é contemporâneo? In: Agamben, G. *Nudez* (D. Pessoa, Trad., p. 21-33). Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Bachelard, G. (1996). *A poética do devaneio*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Campbell, J. (1990). *O poder do mito* (C. F. Moisés, Trad.). São Paulo, SP: Palas Athena.
- Danto, A. C. (2006). *Após o fim da arte. A arte contemporânea e os limites da História* (S. Krieger, Trad.). São Paulo, SP: Odysseus Editora.
- Durand, G. (1998). *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem* (R. E. Levié, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: DIFEL.
- Hatoum, M. (2015). *Órfãos do Eldorado*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Loureiro, J. J. P. (2015). *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém, PA: Cultura Brasil.
- Pereira, E. A. D. (2016). *Ensaio de Amazônia. Representações espaciais da região no ensaísmo brasileiro*. Rio de Janeiro, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Schollhammer, K. E. (2009). *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Sutherland, J. (2017). Fabulosos primórdios - mito. In J. Sutherland, *Uma breve história da Literatura* (R. Breunig, Trad., p. 15-21). Porto Alegre, RS: L&PM.